



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE DIREITO

## OS HUMANOS TAMBÉM SÃO SENCIENTES<sup>1</sup>

Por Peter Singer<sup>2</sup>

O debate sobre as experiências com animais parece estar indo em direção a incompreensão mútua e a um impasse. O ministro do interior inglês está debatendo a concessão de visto ao ativista americano do direito dos animais, Dr. Jerry Vlasak, depois de relatarem que ele teria dito que matar de cinco a quinze cientistas que utilizem cobaias de laboratório poderia salvar milhares de vidas não-humanas. (Posteriormente, ele negou encorajar qualquer um a agir dessa maneira). Os ativistas pelos direitos dos animais danificaram caminhões e outros equipamentos usados pelas construtoras que estavam trabalhando no novo laboratório de cobaias da Universidade de Oxford. Até mesmo o *The Guardian*, no editorial, comparou os ativistas britânicos aos terroristas da al-Qaeda.

A conseqüência desse processo dificilmente será positiva para ambos os lados. Para aqueles que são favoráveis a experimentos em animais, significará não chamar atenção para si e aumentar os custos com segurança. Para a maioria não-violenta do movimento, milhões de pessoas ao redor do mundo, há o risco de terem sérios problemas por serem identificados com a minoria de ativistas que estavam preparados para um protesto pacífico.

Esta situação começou, em parte, porque a comunidade que realiza pesquisas em animais possui uma visão ética que o movimento pelos animais rejeita. Esta visão, em essência, é a de que os animais são coisas para usarmos, desde que os poupemos de dores desnecessárias. Por outro lado, os ativistas pelos direitos dos animais rejeitam a concepção de

---

<sup>1</sup> Tradução de Elise Sodré de Andrade. Acadêmica da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Professor da Bioética da Faculdade de Filosofia da Universidade de Princeton. Autor da obra seminal *Libertação Animal*.

que os animais são seres inferiores e que seus interesses devem estar sempre subordinados aos nossos. Eles vêem isto como “especismo” – o preconceito contra seres que não são da nossa espécie, similar em muitos aspectos ao racismo ou sexismo, preconceitos contra seres que não são membros da raça ou sexo dominantes.

A ironia, nesta situação, é que os defensores da pesquisa científica estão tendentes a aderir a uma ética que claramente tem uma base não-científica. Se acreditarmos na explicação da criação posta na Gênese, incluindo sua divina concessão de domínio sobre todos os animais, então faz sentido pensar que é justificável o uso de animais para nossos propósitos, como os cientistas querem fazer. Mas se, por outro lado, nos pensarmos que Darwin estava certo, e que todos estamos aqui por causa de um processo de evolução não planejado, não há razão para assumir que os interesses humanos devem sempre preceder os interesses dos outros animais. Como Jeremy Bentham escreveu a quase 200 anos: “ A questão não é ‘Eles podem raciocinar?’, nem ‘Eles podem falar?’, mas ‘Eles podem sofrer?’.

Pode ser possível realizar algumas experiências em animais sem causar-lhes sofrimento, e pode até ser que, em consonância com os princípios de Bentham, possam-se imaginar situações nas quais, sem tratar os interesses dos animais com menos importância que os do homem, os benefícios das experiências com animais seriam superiores aos custos para o animal. Mas toda instituição de pesquisa em animais, como as inglesas hoje, esta baseada em um princípio diferente: que animais são menos considerados, e há aqueles que não são especialmente amados, que são ainda menos considerados. De outro modo porque a Universidade de Oxford teria dito, ao defender a proposta do laboratório, que “98% dos animais envolvidos seriam roedores?” A Universidade acredita que os interesses dos ratos não contam?

Aqueles que se opõem ao tratar os animais como se fossem meras ferramentas de investigação, portanto, têm um forte argumento ético. Mas, quando algumas pessoas utilizam a violência e intimidação para atingir o objetivo pretendido, eles minam a base ética do movimento. Numa sociedade democrática, a mudança deve acontecer através da educação e persuasão, não intimidação.

Aqueles que advogam pela violência podem reivindicar, com alguma justiça, que o processo democrático tem sido tentado e falhou. Apesar de décadas de amplo apoio popular

às reformas, pouco mudou. Até mesmo um recente editorial do *The Guardian*, que começou com a incendiária comparação entre a al-Qaeda e os ativistas extremistas, observou que se deve investir mais na busca por alternativas – e salientou que o comitê da Câmara dos Lordes, juntamente com os cientistas, fez a mesma recomendação dois anos atrás. Ainda em comparação com os fundos que vão para pesquisas com animais, o montante gasto no desenvolvimento de alternativas ainda é muito pequeno. Agora nós percebemos que as táticas extremistas talvez sejam o resultado da frustração causada pelo fracasso do processo democrático, até mesmo para conduzir as medidas que são praticamente um consenso.

No entanto, eu não posso apoiar o uso da violência na causa da libertação animal. Isto leva a um precedente perigoso – ou, por assim dizer, dá seguimento à precedentes perigosos. Nos Estados Unidos, extremistas “pró-vida” explodiram clínicas de aborto e assassinaram médicos que interrompiam a gravidez. Considero que estes defensores da santidade da vida humana desde a concepção estão mal aconselhados, mas sem dúvida eles são tão sinceros em suas convicções quanto os defensores dos animais. È difícil encontrar princípios democráticos que permitiriam que um grupo usasse intimidação e violência, e negasse os mesmos métodos a outro.

Respostas não-violentas para as frustrações do processo democrático causariam menos dano à sociedade civil. Ghandi e Martin Luther King têm mostrado que a desobediência civil pode ser um meio eficaz de demonstração da sinceridade e do compromisso com uma causa justa, ao mesmo tempo, de evitar a violência. Aqueles que violam abertamente a lei, e estão dispostos a pagar o preço por fazê-lo, são mais propensos a ganhar o respeito e apoio do público do que aqueles que agem secretamente, no escuro, e usam o medo, em vez de persuasão, para mudar comportamentos.

Existe algum modo de sair desse impasse? Alguns adversários da experimentação em animais não estarão satisfeitos com nada menos do que a imediata e total abolição de todos os animais usados em pesquisas. Numa sociedade que continua a comer carne, entretanto, esta é uma meta inalcançável. Se as pessoas pensam que apreciar o sabor da carne dos animais é uma razão suficiente para confinar milhões de animais em horrendas indústrias agrícolas, transportá-los para os matadouros e matá-los, por que eles rejeitariam o uso de um número relativamente menor de animais em experimentos projetados para encontrar curas para doenças graves?

A maioria do movimento pelos animais tem repetidamente condenado o uso da violência contra seres humanos, ou não-humanos. Minhas próprias declarações contra isto agora remontam quase 20 anos. Mas, todo grande movimento atrai extremistas que estão impacientes com a lentidão do processo de mudança. Há pouco mais que a maioria não-violenta do movimento pelos animais pode fazer. O próximo passo cabe realmente ao governo e a comunidade científica. Se os ativistas pudessem ver que esforços sérios que estavam sendo feitos para encontrar novas formas de fazer pesquisa sem animais, a fração violenta do movimento passaria a ser ainda mais isolada do que é agora.

